

## Blog do Juan Esteves

Nascido em Santos, SP, é fotógrafo e jornalista há 25 anos. Escreveu para o caderno Ilustrada da Folha de S.Paulo, onde foi fotojornalista e editor de fotografia. Foi colunista da revista Iris Foto e do portal Fotosite, onde foi editor além de colaborar para sua revista impressa. É articulista da revista Fotografe Melhor e colaborador crítico das revistas Select e Santa Art Magazine. Vem colaborando com editoras do Brasil e exterior como Cosac Naify, Cia das Letras, Trip, Custom, The Penguin Press, Autrement, Rizzoli, The New Press e Yale University Press entre outras. É editor de fotolivros, curador de exposições e eventos de fotografia, bem como professor no Madalena CEI.

O blog soma o trabalho publicado em revistas impressas e também traz textos inéditos e exclusivos.

September 18, 2015



**Ninguém é de ninguém ( Olhavê e Edições de Janeiro, 2015)** novo livro do fotógrafo carioca Rogério Reis traz uma analogia interessante sobre nossos tempos contemporâneos onde qualquer pessoa se torna uma celebridade instantânea - e por consequência - pronta para gerenciar financeiramente sua imagem pessoal através de um não muito inteligível e discutível direito de imagem, cuja transparência e percepção não são as melhores características do nosso meio jurídico e constitucional.

Tema polêmico, o tal “direito de imagem” se reveste em consequências naquilo que podemos chamar do “direito do autor” uma clara dicotomia aos tempos da nossa vasta e incontrolável expansão eletrônica onde está em jogo tanto a liberdade de expressão quanto a liberdade do indivíduo com desdobramentos diretos sobre o que é informação pública e o que é uma restrição ou censura.

Contradições `a parte, ao utilizar tarjas para não identificar seus retratados em situações públicas nas praias cariocas, Rogério Reis usa da ironia para provocar esse pensamento dicotômico sobre o público e o privado. Para ele este recurso, usado anteriormente pela imprensa para proteger a identidade de menores ou suspeitos trazem maiores relações com a arte estabelecida.



Tarjas e bolinhas fazem remissão as obras do norte-americano John Baldessari e do húngaro László Moholy- Nagy (1895-1946), que trazem a fusão do humor com o irônico. Na lista podemos adicionar o mesmo recurso a algumas obras do norte-americano Man Ray (1890-1976) ou a japonesa Yayoi Kusama com suas bolinhas coloridas, bem como as obras dos brasileiros Nelson Leiner e Albano Afonso.

Longe das referências contaminarem as imagens, temos uma proposta arrojada caminhando pela discussão da espontaneidade da imagem fotográfica bem como de todo um corolário sobre o que é ser exótico ou não, sustentado na habilidade do autor em produzir suas imagens que ora remetem a sua produção como fotojornalista, ora se inserem no percurso mais imediato da chamada arte contemporânea, mantendo como seu leitmotiv o humor e o irônico.

**Ninguém é de Ninguém** pode ser considerado um contraponto ao livro anterior de Rogério Reis, o bellissimo **Na Lona ( Editora Aeroplano, 2001)**, uma série de retratos consensuais durante o carnaval carioca. Se neste haviam personagens que

só existiam por quatro dias, em seu novo livro os personagens além de associados a efemeridade intrínseca ao flagrante fotográfico, também se revestem de alegorias como os carnavalescos por estarem em sua grande maioria distantes dos arquétipos que a sociedade impõe, seja pelo seu porte físico seja pelas suas espontâneas performances.



Para Rogerio Reis, existe diversão dentro da sociedade que criou a propriedade de imagem no espaço público. Sua estratégia é aquela do momento decisivo bressoniano e ele se define como um paparazzi dos anônimos. Assim, nos vemos diante de um certo paradoxo pois seus personagens se encontram realmente celebrizados em sua notável publicação. Deixam o anonimato das praias para frequentar outras paragens cujo reconhecimento se dá mais no plano ontológico do que no estético, mais antropológico do que no registro de um exotismo passageiro.

Em termos práticos a busca do fotógrafo contemporâneo pelo flagrante nas ruas, ou nas praias, como fizeram os geniais Gary Winogrand ( 1928-1984) ou (Arthur Fellig) Weegee (1899-1968) parece mesmo estar mais difícil diante de uma cultura de celebridades cada dia mais exarcebada. Entretanto, Reis não se curva a estes tempos inglórios e retoma a sua fina ironia propondo ao leitor uma pequena “cartilha para quem quer tirar fotos espontâneas nas praias do Rio de Janeiro” cujo highlight é a frase do grafiteiro, pintor, cineasta e ativista político inglês Bansky: “É sempre mais fácil conseguir o perdão do que a permissão”.